O Epicuro de Marx: considerações sobre a controvérsia ao redor da *Clinamen*

The Epicurus of Marx: considerations about the controversy around the Clinamen.

Francisco Luciano Teixeira Filho*

RESUMO: O presente trabalho teórico e bibliográfico se dedica a reconstruir o conceito de declinação espontânea do átomo em Epicuro, tal qual Marx defendeu em sua tese de doutorado. Seu objetivo é descobrir se a clinamen do átomo está presente em Epicuro e, se está, como se pode pensá-la. Percebe-se que a clinamen que aparece nos textos remanescentes de Epicuro não traz a noção de declinação espontânea, como aparece em Lucrécio e Marx, como Quartim de Moraes afirma. Entretanto, tendo como base as premissas fundamentais de Epicuro, conclui-se que é necessário, ao sistematizar o seu pensamento, introduzir a noção de declinação espontânea para não reduzir sua filosofia ao determinismo e ao fatalismo. A clinamen não é um absurdo no pensamento de Epicuro, mas é uma questão fundamental que passa por toda sua filosofia e que poderia estar presente nas obras perdidas deste autor, assim como Marx pensou. Fundamentalmente, como filósofo da felicidade, Epicuro introduz a clinamen como declinação da vida infeliz.

PALAVRAS-CHAVE: Epicuro. Clinamen. Liberdade. Marx.

ABSTRACT: This theoretical and bibliographic work is devoted to reconstruct the concept of spontaneous declination of the atom, in Epicurus, just as Marx defended in its doctorate thesis. Your objective is to discover if clinamen of atom is present in Epicurus, and if it is, how to think about it. It was perceived that clinamen that appears in remnants texts of Epicurus does not bring the notion of spontaneous declination, as it appears in Lucretius and Marx, as Quartim of Moraes affirms. However, based on the fundamental premises of Epicurus, was concluded that is necessary, when systematize their thinking, to introduce the notion of spontaneous declination for not reduce to determinism and fatalism your philosophy. The clinamen is not absurd in the thought of Epicurus, but is a fundamental question that passes by all his philosophy and that would be present in the lost works by this author, as well as Marx thought. Fundamentally, as philosopher of the happiness, Epicuro introduces the clinamen as decline of the unhappy life.

KEYWORDS: Epicurus. Clinamen. Freedom. Marx.

* Mestrando em Filosofia – UFC, Estagiário PROCAD PUCRS-UFC, Bolsista Capes/Reuni. Contato: emaildolu@hotmail.com .

1. Introdução

O jovem Marx inicia sua tese - Diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro - constatando um hábito que, mesmo em sua época, já se constituía uma herança muito antiga e que, até hoje, podemos perceber seus ecos nos cursos de filosofia: o pensamento pós-aristotélico, denominado de filosofia helênica, é duramente excluído dos currículos, sendo tratado como uma filosofia de segunda classe ou, como nos termos de Marx, um "apêndice incongruente" com a grandeza da filosofia de Aristóteles e dos seus predecessores.

Por motivos que deixaremos claros a seguir, não comungamos da postura acima com relação à filosofia helênica. Nós nos alinhamos a Marx, quando este afirma que as filosofias epicurista, estóica e cética não são meros apêndices ou cópias sintéticas das filosofias antigas. Elas se constituem como uma filosofia com uma proposta diferenciada dos grandes sistemas metafísicos da filosofia antiga, mas, nem por isso, menores ou menos importantes. Com essa convicção, buscaremos efetuar um estudo teórico e bibliográfico que busca contribuir para a polêmica, refletida no livro *Epicuro*[1], de Quartim de Moraes, ao redor do conceito de declinação do átomo em Epicuro: se tal conceito existe ou não e, se existe, como se dá. Essas considerações serão feitas tendo como referência, além da obra legada de Epicuro[2], as suas atitudes perante o seu tempo e a sua filosofia, de modo geral, a tese de doutoramento de Karl Marx[3].

Nesse intento, o presente trabalho é composto de quatro partes: 1) buscaremos mostrar como o helenismo – e nele, Epicuro – desloca o campo de interesse da filosofia, do conhecimento das causas primeiras para a vida feliz, tendo como pano de fundo o contexto conturbado da Grécia sob a dominação macedônica; 2) trataremos da questão do conhecimento e sua relação com a vida feliz; 3) reconstruiremos os componentes centrais da física de Epicuro; e 4) tendo os subsídios necessários para pensar a polêmica da clinamen, trataremos dos movimentos dos átomos e de suas implicações éticas.

2. A referência última ao indivíduo no Helenismo

O contexto em que se desenvolve a filosofia helênica é de crise: de valores, de Estado etc. Com a dominação macedônica e o estabelecimento do império de Alexandre, a Πόλις (Pólis) de

[1] QUARTIM DE MORAES, João. *Epicuro*: as luzes da ética. São Paulo: Moderna, 1998. (Coleção Logos).
[2] DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasilia: UnB, 1977. e EPICURO. *Obras completas*. 7.ed. Trad. José Vara. Madrid: Edciones Cátedra, 2007.
[3] MARX, Karl. *Diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro*. Trad. Conceição Jardim, Eduardo Lúcio Nogueira. Santos: Ed. Presença, 1972.

Péricles, que já vinha mostrando sinais de decadência, se desmantela, perdendo em importância e vivacidade. Com a morte do imperador autoproclamado filho de Zeus, instaurasse uma rebelião generalizada na Grécia a fim de libertar o mundo grego da dominação macedônica. Entretanto, a derrota aconteceu rápido, em 323 a.C., Antípatro vence os rebeldes e impõe duras penas e exigências aos rebelados. Somado a isso, também temos, na época em que Epicuro sai de Samos e vai a Atenas reclamar sua plena cidadania, o ápice do sinecismo, que acarretou o desaparecimento das pequenas cidades e vilas e o surgimento de uma Atenas de proporções monstruosas. Grandes cidades e caos político geraram, portanto, enormes centros urbanos que cultivavam todas as espécies de vícios [4].

A luta pelo poder administrativo reduziu a ἄγορα (ágora), outrora coração das cidades-estados, a mero espetáculo de exercício retórico, já que as decisões mesmas eram impostas de cima para baixo, de poucas famílias para a maior parte da população. Sobre isso, "informam-nos os historiadores de que, no século IV a.C., a moralidade decrescera em todo o mundo grego. A avidez pelo poder, a avareza e a ambição tinham levado os homens à práticas de crimes horrendos. Estava ausente a felicidade"[5].

A Pólis, que era espelho exato da ordem cósmica, deixa de sê-lo e, por essa razão, o indivíduo que, no auge da política grega tinha seu interesse e sua formação direcionada para e pelo Estado[6], deixa de lado a vivência da Pólis e retorna à natureza, ao cosmos, e, assim, a conformidade com o cosmos se espelha não mais na coletividade, mas sim na individualidade.

A insegurança, as constantes trocas de governo e a falência da política (reduzida à prática de bajulação dos poderosos), têm grande repercussão na filosofia de seu tempo. No pensar helênico, o homem não é mais só um mero participante ou elemento do cosmos, mais que isso, ele é um microcosmos dentro de um macrocosmos. Ou seja, o horizonte do pensamento não abandona a objetividade do universo, abandona, sim, a Pólis como fundamento do próprio ser do homem. O ponto de partida para pensar o homem não é mais a politicidade, mas a própria natureza externa e interna deste. Embora a prática política não seja excluída radicalmente, ela perde em importância, deixando de ser fundamento humano para ser tratada com indiferença.

A mudança de proposta do helenismo, diante desse cenário, é mais radical. A depreciação não cai só sobre a política, mas até mesmo o foco central da filosofia sai da objetividade do mundo, ou seja, o eixo central do pensamento deixa de ser a metafísica, passando para a ética e, mais

[4] Cf. FARRINGTON, Benjamin. A doutrina de Epicuro. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968., p.96s. Confira, também, ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Epicuro: o filósofo da alegria. 4.ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. (Coleção Filosofia)., p. 35s. Ambos tratam do declínio moral e político que acontecia em Atenas no período em que viveu Epicuro e identificam o retiro da vida pública de Epicuro como a sua negação ao vicioso cenário em que ele se encontrava.

[5] ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Epicuro*: o filósofo da alegria. 4.ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. (Coleção Filosofia)., p. 35. (grifo nosso)

[6] Cf. JAEGER, Werner. *Paidéia*: a formação do homem grego. 4.ed. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Paidéia)., p. 373s.

propriamente, uma ética do indivíduo (não é que a metafísica seja abandonada, mas ela, de ciência primeira, passa a ser apenas fundamento para a ética, mais importante do tripé: lógica, física e ética). Em outras palavras, a filosofia grega até Aristóteles buscava as causas do mundo, os fundamentos das coisas e, portanto, seu objeto era o mais universal e geral possível. Isso repercutiu em seus sistemas éticos, que se propunham ao estabelecimento de uma normatividade que tinha em vista a vida feliz de todos, através da prática da virtude, da excelência, na Pólis, ou seja, a ética seria o tornar-se o que se é, assumindo seu lugar no cosmos, e esse lugar é a cidade. Nesse sentido, a felicidade individual é menos importante do que a felicidade da coletividade: "embora seja desejável atingir a finalidade apenas para um único homem, é mais nobilitante e mais divino atingi-la para uma nação ou para uma cidade"[7]. No Helenismo, a noção de acomodação à ordem do cosmos continua, mas ela é efetuada pelo indivíduo cosmopolita, em qualquer lugar onde ele esteja. Assim, deixa de existir a ligação do filosofo à cidade, fortemente presente na filosofia anterior, principalmente na figura de Sócrates, que se recusa a deixar a cidade, posto que perderia a si mesmo, se o fizesse. Ser ou não cidadão de uma pátria determinada, para um helênico, não faria diferença, pois sua pátria era o mundo, a natureza, o cosmos. Não é o caso que o homem se isole, tornando-se um retirante dentro do próprio mundo, mas o princípio fundamental das éticas helênicas não permite que a vida feliz esteja ancorada em outra coisa que não seja a própria individualidade e, portanto, em função da ἔυδαιμονια (eudaimonia), da vida feliz.

Essa vida feliz se apresenta com a imperturbabilidade da alma. Quanto mais dependente e preocupado, menos feliz e, da mesma forma, "quanto maior a imperturbabilidade maior é a felicidade. O atingimento da ataraxia deve ser o escopo do homem"[8], portanto, o filósofo, antes de qualquer coisa, deve buscar a ataraxia, a imperturbabilidade, para alcançar a vida feliz.

Epicuro está nessa corrente de pensamento e, na sua filosofia, todos esses elementos da filosofia Helênica reaparecem na figura do desvio, da declinação da infelicidade. Ou seja, sair da cidade, buscar a imperturbabilidade, recusar as formas de vida infeliz, enfim, são momentos em que o indivíduo, por sua própria vontade, desvia daquilo que não lhe propicia a eudaimonia. Nesse mesmo sentido, além do elementos externo, Epicuro também combate as perturbações internas, ou seja, as doenças da alma, por meio de quatro remédios que apontam para o desvio do medo dos deuses e da morte, e para a possibilidade da felicidade e de suportar a dor.

3. O conhecimento e a vida feliz

[7] ARISTÓTELES. Ética a Nicômacos. 4.ed. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 2001., p.18.
[8] ULLMANN, Reinholdo Aloysio. Epicuro: o filósofo da alegria. 4.ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. (Coleção Filosofia)., p. 61.

Com o objetivo de saber o que é necessário ou não para a vida feliz, o conhecimento tem uma função essencial, já que conhecer as causas das coisas alude à imperturbabilidade. Para Epicuro, o saber, por si mesmo, não tem razão de ser. Nesse sentido, o conhecimento só é válido em função da vida feliz, ou seja, como uma maneira de eliminar as dúvidas e os falsos juízos que atormentam a vida humana. O conhecimento tem a única função de "dissipar a angústia mental que a ignorância dos deuses, a ignorância da natureza, a ignorância da alma (tudo reunido por Epicuro sob o nome de física) podem trazer. A medicina e a filosofia natural tinham para ele a mesma justificativa"[9].

Segundo Martha Nussbaum[10],

> Epicuro, como a maioria dos filósofos helenísticos, acreditou que os seres humanos vivem vidas preocupadas e miseráveis porque eles *não pensam corretamente*. Ele sustenta que eles têm falsas convicções sobre a natureza do universo, sobre vida e morte, sobre o que vale a pena escolher e o que é causa de perturbação. Como resultado destas falsas convicções, eles formam desejos que não podem ser satisfeito e são atormentados; o desejo da imortalidade, os desejos característicos do amor erótico, desejos de riqueza, luxos, fama, poder político. O que é ruim, sobre tudo destes desejos, é que eles dão para a pessoa uma vida de dependência servil, na qual elas estão à mercê das contingências de vida, de muitos modos[11].

Ora, para Epicuro, o saber sensível é correto e seguro. Podemos confiar em todos os fenômenos que percebemos pelos nossos sentidos, posto que eles são as fontes de todo o conhecimento[12]. Também é pelos sentidos que "a razão deve basear-se quando tenta inferir o desconhecido partindo do conhecido"[13], ou seja, o indeterminado do determinado, o incondicionado do condicionado. É nesse sentido que, para Marx, o *mundo sensível*, em Epicuro, é *fenômeno objetivo*[14]; o conhecimento dos fenômenos não é mera opinião, mas fundamenta os conhecimentos verdadeiros, ou seja, percepções sensíveis e fenômenos objetivos, pensamento e objeto, se identificam. Todo e qualquer engano, erro, enfim, é fruto dos juízos que fazemos das coisas. Por exemplo, se um indivíduo

---

[9] FARRINGTON, Benjamin. *A doutrina de Epicuro*. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968., p.100.

[10] Em sua resenha sobre o livro *Epicurus' Ethical Theory: The Pleasures of Invulnerabilit*, de Phillip Mitsi, publicado em 1988, pela Cornell University Press de Londres, quando ela introduz seu texto com as razões pelas quais, segundo ela, o helenismo e Epicuro, mais especificamente, vem sendo relegados ao segundo plano, nos cursos universitários. NUSSBAUM, Martha. Review Essay: Epicurus' Ethical Theory: The Pleasures of Invulnerability by Phillip Mitsis. *Philosophy and Phenomenological Research,* Vol. LI, N. 3 (1991), pp. 677-687 URL: http://www.jstor.org/stable/2107890. Acessado em: 14 de maio de 2010.

[11] NUSSBAUM, Martha. Review Essay: Epicurus' Ethical Theory: The Pleasures of Invulnerability by Phillip Mitsis. *Philosophy and Phenomenological Research,* Vol. LI, N. 3 (1991), pp. 677-687 URL: http://www.jstor.org/stable/2107890. Acessado em: 14 de maio de 2010., p.679.

[12] Cf. QUARTIM DE MORAES, João. *Epicuro*: as luzes da ética. São Paulo: Moderna, 1998. (Coleção Logos)., p. 29.

[13] DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasilia: UnB, 1977., p. 292.

[14] MARX, Karl. *Diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro*. Trad. Conceição Jardim, Eduardo Lúcio Nogueira. Santos: Ed. Presença, 1972., p. 146.

olha o objeto *A* e acredito que esse objeto é *B*, não foram os seus sentidos que o enganaram, nem o objeto em-si o enganou, mas foi o seu juízo do objeto *A* que o fez pensar, equivocadamente, que era o objeto *B* que ele observava.

Ora, corrigir os juízos falsos é promover a imperturbabilidade. Este é o intuito de Epicuro ao erguer seu edifício filosófico: sua cosmologia e sua canônica estão, portanto, em função da ética, ou seja, da vida feliz. Eliminar os falsos juízos e as formas erradas de pensar são, para Epicuro, um remédio para a alma – "a persistência da analogia Helênica entre filosofia e medicina (doctoring) foi usado para significar que o argumento filosófico não é bem feito se não promove, de algum modo, a saúde de alma"[15].

É claro que essa forma de encarar o conhecimento traz uma série de problemas que não são encarados por Epicuro, propositalmente. Em sua *Carta a Pítocles*, por exemplo, seu autor deixa bem evidente que não está preocupado em pesquisar, até às últimas consequências, as verdades últimas; em buscar as causas das coisas, bastando, para ele, a explicação que a experiência nos dá. Tal longa pesquisa resultaria em uma inquietude incompatível com a vida feliz. Por essa razão, para Epicuro, explicar as causas dos movimentos dos corpos celestes com a mesma forma que explicamos as causas dos corpos na terra, com a certeza da sensibilidade, conduz à segurança do conhecimento e à imperturbabilidade da alma.

Tendo como critério essa sua forma de considerar o conhecimento, Epicuro não foi um cientista original, como foi Demócrito ou Aristóteles, mas da mesma forma que Platão, sua grandeza científica se deveu à suas posições claras perante a ciência: "ambos os homens têm um lugar na história da ciência; pois, na total renovação da sociedade que eles buscavam, era essencial a adoção de uma atitude clara em relação à ciência"[16].

Mesmo sabendo da grandeza de Epicuro, diante da sua atitude frente às ciências, é preciso considerar brevemente, mesmo que esse não seja nosso objetivo aqui, que,

> como premissa de toda a doutrina, a gnosiologia de Epicuro está eivada de erros. Antes de tudo, apresenta-se essencialmente materialista, sensista e positivista. Por isso mesmo, a formação de conceitos identificados com registro de sensações memorizadas, não explica como é possível elevar-se a nível diverso da matéria[17].

[15] NUSSBAUM, Martha. Review Essay: Epicurus' Ethical Theory: The Pleasures of Invulnerability by Phillip Mitsis. *Philosophy and Phenomenological Research,* Vol. LI, N. 3 (1991), pp. 677-687 URL: http://www.jstor.org/stable/2107890. Acessado em: 14 de maio de 2010., p.678.
[16] FARRINGTON, Benjamin. *A doutrina de Epicuro*. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968., p. 100.
[17] ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Epicuro*: o filósofo da alegria. 4.ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. (Coleção Filosofia)., p. 109.

Ora, a fragilidade de Epicuro como cientista, como pesquisador das causas das coisas, a sua dificuldade em lidar com problemas epistemológicos vindos da tradição, como, por exemplo, passar da coisa em si, da sensibilidade, para a elaboração do conceito, do objeto ideado para a ideia, ou seja, a inconclusividade de suas elaborações científicas se apresenta, pois, para ele, a pedra angular da filosofia "é a ética e a força da doutrina ética será seriamente diminuída se lhe permitirem aparecer ligada com a física de um modo meramente externo"[18]. Ou seja, a física e a canônica não estão fora da doutrina ética, ou melhor, não podem ser, por elas mesmas, uma empreitada para o conhecimento da natureza das coisas, sem que isso aponte para um resultado palpável em colaboração com a vida feliz. Era evidente, para Epicuro, que se não sabemos quando vamos morrer, se poderemos amanhã mesmo estar mortos, porque morrer infeliz, em busca de um conhecimento que não sabemos se vamos achar? Devemos buscar a felicidade nesta vida, pois não há outra. Por isso, "deve-se converter à Felicidade desde agora: essa conversão é a filosofia"[19]. Por isso, a declinação espontânea aparece, aqui, como o momento de desvio da imperturbabilidade e, assim, da vida infeliz. Nesse sentido, a filosofia, ou seja, a coerência com a doutrina filosófica é essa passagem para a felicidade.

4. A física de Epicuro

Cientes do fim último de sua cosmologia, vejamos como o filósofo de Samos esquematiza a sua filosofia da natureza. Na *Carta a Heródoto*[20], Epicuro se alinha à intuição geral do pensamento grego, em que nenhuma coisa pode vir do não-ser e que, da mesma forma, nenhum ser pode se decompor em não-ser, quando se corrompe. Portanto, o todo sempre foi e sempre será da mesma forma: não existe, além do universo, alguma coisa que intervenha nele, transformando-o, retirando ou acrescentando alguma coisa à natureza. Se há algo fora do universo, esse algo será parte do universo, portanto, o universo é sempre igual a si mesmo, infinito, eterno, imutável em sua totalidade. Mas como Epicuro explica a mudança, as transformações ocorridas no mundo fenomênico?

O todo, o universo, é composto de infinitos *corpos* e do *vazio*, do espaço ilimitado onde estes corpos se movem. O hiato entre os corpos nos aparece como um fenômeno negativo, ou seja, a existência de alguma coisa nos leva a deduzir que o vazio, o espaço, enfim, precisa existir, para que as coisas possam estar nele. Percebemos que é preciso que haja, entre os corpos, um espaço onde eles possam se movimentar e um espaço onde eles possam estar, portanto, é preciso supor que haja esse vazio infinito, cruzado pelos corpos, em movimentos perpétuos, mas quanto ao vazio mesmo, não podemos dizer mais nada, posto que ele é nada.

[18] FARRINGTON, Benjamin. *A doutrina de Epicuro*. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968., p. 124.
[19] CONCHE, Marcel. *Épicure*: Lettres et Maximes. 5.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1999, p. 129.
[20] DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasilia: UnB, 1977., p. 291-302.

Os corpos, por sua vez, aparecem de duas formas, no pensamento do filósofo de Samos: como *corpos compostos* e como *corpos elementares*. Os corpos compostos são aqueles que nos aparecem, ou seja, as coisas formadas pela justaposição dos corpos elementares, denominados de ἄτομα (*átomos*). Nessa explicação, quando os corpos compostos se geram, geram-se por agregação de átomos, e, quando os corpos compostos se corrompem, se decompõem em *átomos*. Dessa forma, os átomos são os corpos constantes do universo. Os demais corpos geram-se e corrompem-se, mas os *átomos* permanecem eternamente, em movimento, hora em aceleração absoluta, outrora em refreamento, como veremos mais a frente. Nas palavras de Epicuro, "é necessário, que nas dissoluções dos compostos permaneça algo sólido e indissolúvel, que deve tornar possível as transformações não no não-ser nem a partir do não-ser, mas frequentemente por transposição, e às vezes até por acréscimo ou subtração de átomos"[21].

Além disso, não só na geração e na corrupção temos mudança no mundo fenomênico. Diante de nossos olhos, as coisas estão sofrendo mutações, mudanças de qualidades: o papel que envelhece e amarela, a criança que cresce, enfim, todos esses fenômenos sensíveis são explicados, por Epicuro, pelo movimento dos átomos. Ou seja, a mudança é explicada pela soma ou pela perda de átomos, além da troca constante dos corpos elementares, que os corpos compostos sofrem. As coisas estão, portanto, em constante mudança diante nos nossos sentidos, entretanto, essa mudança acontece em uma velocidade incrível, comparada, por Epicuro, com a velocidade do pensamento. Dessa forma, não percebemos, instantaneamente, a troca constante de átomos que as coisas do mundo sofrem.

Ora, esses átomos, por sua vez, são eternos, indivisíveis e infinitos em quantidade, posto que se fossem finitos, jamais se encontrariam no universo infinito[22]. Deve-se destacar que "os átomos não têm qualquer qualidade das coisas do mundo dos fenômenos, à exceção da *forma*, do *peso* e do *tamanho* e das propriedades necessárias associadas à forma"[23]. Tais características dos átomos nos ajudam a pensar a formação dos mundos, assim como a dissolução das coisas.

5. O movimento dos átomos: queda, repulsão e "declinação".

Os átomos estão em eterno movimento, no espaço infinito. Temos que esse movimento contínuo é dividido em três espécies: o primeiro movimento é o da *queda* dentro do espaço infinito. Esse movimento tem "a velocidade do pensamento" e, quando não encontra resistência, esses corpos elementares cruzam imensas distâncias em frações de segundo. Em todo caso, os átomos, que não encontram oposição, têm sempre velocidades iguais e constantes, e assim se mantêm, até que uma

[21] DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasilia: UnB, 1977., p. 295.
[22] Cf. DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasilia: UnB, 1977., p. 292-293, 295.
[23] DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasilia: UnB, 1977., p. 295.

ocasião impeça que isso aconteça. Esse movimento, em Epicuro, é descrito como um movimento de queda e é devido ao peso do átomo. Ou seja, os átomos, em concordância com seus pesos sutis, caem no espaço infinito: esta é a determinação material dos átomos. Essa queda não é colocada como a queda de um lugar mais alto para um lugar mais baixo no espaço vazio, pois, segundo afirma o filósofo de Samos, só se pode falar em alto e baixo, quando se faz referência a um terceiro, que recebe o papel de comparação espacial. Dessa forma, também a queda pode ser, rigorosamente falando, uma ascensão, se observada em outra perspectiva[24]. Nesse sentido, os átomos estão em queda, em toda parte, mas nenhum está mais alto ou mais baixo, posto que, no infinito, não há essa referência – pode-se, sim, dizer que, com relação ao observador (se fosse possível observar os átomos) ou um objeto qualquer, o átomo está alto e baixo.

O segundo movimento do átomo é a *repulsão*. Os átomos formam corpos quando se agregam, mas essa agregação se dá quando os átomos se encaixam uns aos outros, formando algum objeto composto. Em outras palavras, estando em movimento irrefreado, em alguns momentos os átomos se chocam uns com os outros. Nesse choque, se o átomo se encaixa em outros átomos, temos a formação de objetos compostos. Caso contrário, temo a repulsão, ou seja, o átomo que caía em linha reta se choca com outros átomos e é lançado em outra direção, mantendo seu movimento eterno, até que seja impedido por outros choques que provoquem agregação ou nova repulsão. Ora, temos aqui um terceiro movimento, que aparece na obra legada por Epicuro, a saber: *a declinação*.

Esse conceito de *clinamen* é mais complexo do que parece. Ao redor dele gira uma discussão bastante ampla, desde os períodos mais remotos do epicurismo, até nossos dias. É preciso destacar que sim, a declinação está presente na pequena parte da obra de Epicuro que nos chegou, mas não da forma que a tradição epicurista, principalmente a de Lucrécio, nos afirma.

A declinação aparece, nos textos de Epicuro que se conservaram, como movimento oblíquo que decorre da colisão dos átomos[25]. Ou seja, os átomos que mantinham movimento de queda em linha reta, ao se chocarem com outros corpos, elementares ou compostos, são agregados ou repelidos. Nesse segundo caso, cria-se não um movimento retilíneo e uniforme, mas sim um movimento inclinado com relação ao primeiro movimento do átomo, que era de queda em linha reta. Assim, segundo nos afirma Quartim de Moraes, "como os átomos se entrechocam desde toda a eternidade, segue-se que se propagam em todas as direções, não havendo a menor necessidade de imaginar um 'desvio' ou 'declinação' espontânea para explicar como eles se encontram"[26]. Ou seja, o próprio caos das infinitas colisões e movimentos oblíquos já seria suficiente para explicar a formação dos corpos e dos mundos.

[24] DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasilia: UnB, 1977., p.297.
[25] DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasilia: UnB, 1977., p.297
[26] QUARTIM DE MORAES, João. *Epicuro*: as luzes da ética. São Paulo: Moderna, 1998. (Coleção Logos)., p. 49.

Entretanto, se levarmos às últimas consequências as conclusões de Quartim de Moraes, teremos que concordar que Epicuro aceita um mundo de determinações, pois, se colocarmos o movimento oblíquo, entendido como resultado de colisões anteriores, como única causa das formações dos corpos e dos mundos, ainda teríamos uma relação causal entre a formação dos corpos compostos, o que inclui as coisas extensas, as almas dos homens e os deuses. Ou seja, se o átomo que se declina, teve como causa de sua declinação um corpo exterior a ele, teríamos ainda uma lei de causa e efeito determinando o universo: as coisas, a alma do homem e os deuses. Ora, mas é isso que Epicuro combate no seguinte texto:

> seria melhor, realmente, aceitar os mitos sobre os deuses do que aceitar ser escravo do destino adotado pelos filósofos deterministas naturalistas, pois os mitos têm como se fosse impressa em si mesmos a esperança de que os deuses podem ceder às preces e homenagens que lhes são prestadas, enquanto o destino dos filósofos naturalistas é uma necessidade inflexível[27].

Resguardados, portanto, pela lógica das afirmações da física de Epicuro e tendo por base o seu preceito ético básico que combate o determinismo, não seria nenhum absurdo pensar que a *clinamen* estaria presente na extensa obra perdida de Epicuro. Sendo, no entanto, uma dogma complexo de sua doutrina, não poderia aparecer em uma de suas cartas, posto que elas introduziam o seu pensamento só aos leitores recém iniciados. Contudo, quanto a verdade dessa hipótese, infelizmente não podemos saber, posto que o tempo implacável nos negou a leitura da obra completa de Epicuro. Sabemos, no entanto, que o grande epicurista, Lucrécio, nos deixou importantes explicações sobre o desvio da linha reta, que foram de incalculável relevância na tese de Karl Marx, que aceita o desvio como tese de Epicuro, mas que não encontra nos parcos textos que sobraram do fundador do Jardim, a possibilidade de defender essa tese, exceto por vias indiretas.

Lucrécio afirma a declinação para fundamentar duas noções basilares da obra de Epicuro: a formação dos corpos e dos mundos e a liberdade do homem. No primeiro caso, segundo nos afirma, Lucrécio, se os átomos só caíssem em linha reta e não supusermos uma pequena declinação, não poderíamos pensar na formação dos corpos e dos mundos, posto que os átomos, impulsionados pelo seu peso, em eterna queda, jamais poderiam se encontrar[28]. Nesse sentido, ao acaso, o átomo se declina, fazendo com que ele colida com outros átomos, gerando, assim, os corpos, ou seja, "quando esse desvio ocorre, isso coloca os átomos em contato. Então, quando se chocam e ricocheteiam, surge

[27] DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasilia: UnB, 1977., p. 314.
[28] Cf. TITO LUCRÉCIO CARO. Da Natureza. In: *Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio.* Trad. Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores)., *p. 116*

um vórtice do qual, com o tempo, nasce um mundo"[29]. Caso contrário, "sem esse desvio, todos, como gotas de chuva, não cessaria de cair através do vazio imenso, não haveria lugar para encontros, choques, e natureza nunca poderia ter criado nada"[30].

O desvio do átomo também fundamenta a liberdade. Para Epicuro, "não se pode admitir, em absoluto, que as coisas aconteçam sem nossa intervenção"[31], ou seja, os homens não estão determinados. Para explicar isso, além do desvio do acaso, como mostramos, temos a declinação da liberdade, que é a nossa intervenção no mundo, por vontade livre. Mesmo supondo que o átomo se desvia pelo acaso, isso ainda não explicaria a liberdade, que é a vontade do espírito, que faz com que os seres humanos se movam em qualquer direção que queiram; que se determinem pela vontade: "vamos aonde a vontade nos leva e mudamos o nosso movimento, não em tempo determinado e em determinada região, mas quando o espírito o deseja"[32].

A *clinamen*, portanto, explica o acaso, já que, para Epicuro, os deuses não intervêm no mundo, restando, ao acidente, a explicação da sorte e dos fenômenos sem ordenamento causal. Além disso, a declinação abre espaço, no meio das determinações da queda em linha reta, para a liberdade do homem, para a resistência e para a luta. Entretanto, como Marx adverte, a declinação não pode ser entendida como tendo uma causa exterior, posto que, se assim fosse, ela não fundamentaria a liberdade. Por isso não é possível entender o desvio como entende o Quartim de Moraes, temos, sim, que aceitá-lo como uma forma de auto-determinação do átomo. Por isso, para Marx, o átomo mantém o movimento em linha reta, determinado pelo seu peso: "o movimento da queda é o movimento da não-autonomia"[33], é a condição física, natural do átomo. Esse movimento determinando existe, mas também pode ser negado. A determinação nega a liberdade do átomo, posto que ele só pode cair em linha reta, não havendo outra possibilidade e, portanto, a queda em linha reta é a negação do próprio átomo. A negação da singularidade do átomo é, mais uma vez, negada, por sua liberdade (negação da negação), que põe a declinação, ou seja, nega que seja determinado e, portanto, se afirma como livre. Se todo corpo em queda se reduz à linha reta, a declinação singulariza, posto que, aqui, o que prevalece é a liberdade, a autonomia, a resistência e a luta. Nesse sentido, a introdução da *clinamen* é a reposição da liberdade no mundo das determinações. É nesse sentido que, segundo Farrington, em seu livro *A doutrina de Epicuro*,

[29] FARRINGTON, Benjamin. *A doutrina de Epicuro*. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968., p. 119.
[30] TITO LUCRÉCIO CARO. Da Natureza. In: *Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio.* Trad. Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores)., p. 116.
[31] EPICURO. *Obras completas*. 7.ed. Trad. José Vara. Madrid: Edciones Cátedra, 2007., p. 107.
[32] TITO LUCRÉCIO CARO. Da Natureza. In: *Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio.* Trad. Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores)., p. 117.
[33] MARX, Karl. *Diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro*. Trad. Conceição Jardim, Eduardo Lúcio Nogueira. Santos: Ed. Presença, 1972., p. 170.

> Karl Marx foi o primeiro dos modernos a descobrir o que dizer em sua defesa [de Epicuro]. Epicuro estava mais interessado pelo microcosmo, Homem, do que pelo macrocosmo, Natureza. Estava determinado a preservar a liberdade da vontade. Por conseguinte, incorporou-a nas próprias bases do cosmo, dotando o átomo com o poder de movimento espontâneo e tornando esses movimentos espontâneos necessários à formação de um cosmo. Como no microcosmo toda a forma duradoura de sociedade deve ser baseada no impulso de associação dos homens livres, o mesmo deve acontecer no macrocosmo. Dotar cada átomo de peso, por direito próprio, equivalia a dar-lhe uma existência separada; dotá-lo com o poder de 'desviar' equivalia a capacitá-lo a fugir do domínio da necessidade física. Assim, o atomismo, que foi inventado por Demócrito para dar uma base à física, foi adotado por Epicuro para servir de fundamento à ética[34].

Temos, portanto, que, para Marx, a noção de *clinamen* não é um conceito indiferente na filosofia de Epicuro, podendo ser mantido ou retirado sem que o todo da doutrina sofra mudança. Ao contrário, "a declinação do átomo da linha reta não é, com efeito, uma determinação particular que surge ocasionalmente na física de Epicuro. A lei que ela exprime é uma constante na filosofia epicurista; encontramo-la sempre que o exige a esfera onde é aplicada"[35].

Se o átomo é dotado de liberdade, de vontade, de alma, então, segundo Marx a repulsão também não é mero fenômeno causal, mas uma primeira forma da consciência-de-si. Ou seja, se a alma, o homem, declina-se, resiste, luta, por sua liberdade, essa ação livre resulta no choque com outros homens livres, que também resistem e lutam. Dessa forma, temos um choque, um confronto entre duas consciências-de-si, que para não terem sua liberdade negada, reprimida, precisam lutar para serem reconhecidas como tal, como livres, frente às outras consciências-de-si.

6. Considerações finais

Podemos perceber, portanto, que, junto com Marx e Lucrécio, constatamos que Epicuro, antes de tudo, é um filósofo da liberdade. Sua física foge das ideias deterministas e traz à tona a possibilidade da liberdade, da luta e da resistência. Longe de um filósofo do conformismo, Epicuro também foi um filósofo revolucionário, pois, se considerarmos bem, o próprio ato de sair da *Pólis* e se associar, com seus amigos, em seu Jardim, se converte em um ato político revolucionário que se contrapõe à política que perdeu de vista a sociabilidade das comunidades simples, de satisfação das necessidades básicas e que não permite mais a ataraxia e a felicidade. Ou seja, no contexto conturbado da Grécia Helênica, como procuramos mostrar na primeira parte desse trabalho, a declinação não foi só um conceito filosófico, mas uma atitude revolucionária.

[34] FARRINGTON, Benjamin. *A doutrina de Epicuro*. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968., p. 119.
[35] MARX, Karl. *Diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro*. Trad. Conceição Jardim, Eduardo Lúcio Nogueira. Santos: Ed. Presença, 1972., p. 172.

Epicuro nega a cidade que não permite a efetivação da vida feliz e, portanto, conduz seus discípulos ao retorno para a interioridade, mas que também significa um retorno à vida simples, cercada de amigos; um retorno à sociedade igualitária, onde escravos, mulheres e homens são todos membros iguais de uma comunidade que precisa só do necessário para viver. É, por isso, um projeto político que se difere completamente da política de seu tempo, posto que, fugir da *Pólis* e retornar à vida pacata e simples é uma declinação espontânea das condições que não permitem a vida feliz.

Ora, essa atitude radical é completamente coerente com sua filosofia, no que diz respeito à felicidade. E não poderia ser de outra forma, já que, se o objetivo de todas as ações do indivíduo deve ser predicar à própria vida o caráter de feliz, então, para que Epicuro constituiria uma filosofia, senão para ser coerente com ela? Se a meta dos atos humanos deve ser a felicidade, então a filosofia, como produção do homem, em si, já deve ser marcada, fundamentalmente, por essa meta. Em outras palavras, como demonstramos acima, o conhecimento está em função da felicidade, assim como todas as ações devem encaminhar para a constituição de uma vida feliz. Dessa forma, a filosofia, em todos os seus pontos, deve ser coerente com a meta que foi, justamente, a sua causa primeira e, portanto, seu tema principal: a vida feliz. Ou seja, já que buscamos a filosofia para a felicidade, então a felicidade deve ser um ponto de culminância da filosofia, ou melhor, o ponto para onde aponta todas as suas proposições.

Sendo assim, se a declinação do átomo "é uma constante na filosofia epicurista", ela aponta na direção da própria causa de sua formulação, enquanto conhecimento: a felicidade. Da mesma forma que toda a filosofia de Epicuro é uma busca da *eudaimonia* e, portanto, toda ela, coerentemente, marcada pela declinação da infelicidade. Por essa razão, toda a primeira metade desse trabalho se dedica a elementos que parecem não contribuir para o nosso objeto, mas que, eles mesmos, por estarem contidos dentro da filosofia de Epicuro, constituem-se coerentemente com a vida feliz e, portanto, com a *clinamen* espontânea que, em poucas palavras, é a fuga da vida infeliz, ou melhor, da infelicidade em longo prazo.

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômacos.* 4.ed. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 2001.
CONCHE, Marcel. *Épicure*: Lettres et Maximes. 5.ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.
DIÔGENES LAÊRTIOS. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasilia: UnB, 1977.
EPICURO. *Obras completas*. 7.ed. Trad. José Vara. Madrid: Edciones Cátedra, 2007.
FARRINGTON, Benjamin. *A doutrina de Epicuro*. Trad. Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
JAEGER, Werner. *Paidéia*: a formação do homem grego. 4.ed. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Paidéia).
MARX, Karl. *Diferença entre as filosofias da natureza de Demócrito e Epicuro*. Trad. Conceição Jardim, Eduardo Lúcio Nogueira. Santos: Ed. Presença, 1972.

NUSSBAUM, Martha. Review Essay: Epicurus' Ethical Theory: The Pleasures of Invulnerability by Phillip Mitsis. *Philosophy and Phenomenological Research,* Vol. LI, N. 3 (1991), pp. 677-687 URL: http://www.jstor.org/stable/2107890. Acessado em: 14 de maio de 2010.
QUARTIM DE MORAES, João. *Epicuro*: as luzes da ética. São Paulo: Moderna, 1998. (Coleção Logos).
TITO LUCRÉCIO CARO. Da Natureza. In: *Epicuro, Lucrécio, Cícero, Sêneca e Marco Aurélio*. Trad. Agostinho da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os Pensadores).
ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *Epicuro*: o filósofo da alegria. 4.ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010. (Coleção Filosofia).